

Tradução e amizade¹

Comentário à *Carta aberta de André Green*
a *Wilfred Ruprecht Bion* - 21 de outubro de 1989²

Fernanda Marinho³

Ney Marinho⁴ nos propõe a tradução como um ato de amizade, o que aparentemente contradiria o tão consagrado dito “*traduttore, traditore*”. No entanto, se olhamos pelo vértice da amizade, creio que mais do que contradição, defrontamo-nos com um paradoxo a ser mantido; uma única vogal, um maroto - *i* -, a um só tempo subverte e dá todo o sentido, pois cria o espaço de separação necessário para que surja o outro, e só podemos ter laços fraternos com um outro em toda a sua inteireza. Ao mesmo tempo, estamos próximos, muito próximos, suficientemente próximos, ao buscar aquela palavra justa, não outra qualquer, que transmita da forma mais verdadeira o que lhe vai na mente e na alma. Na troca de mensagens que tive com Walder de Souza⁵, um tanto intimidada por ousar em campo alheio à minha prática usual, disse-lhe e agora digo a vocês que sou uma “amadora”, que encontrou uma conjunção de objetos de amor: o francês, a psicanálise, dois admiráveis pensadores, Green e Bion, e, melhor que tudo, a interlocução entre eles através de Green, a forma

1. Aula de Abertura do Ano Letivo de 2022 do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ, que marcou a inauguração oficial do Setor de Tradução do Instituto, coordenado por Marina Tavares, Membro Associado da SBPRJ.

2. *Carta aberta de André Green a Wilfred Ruprecht Bion* – Conferência proferida por André Green, a convite da Associação Francesa de Psiquiatria, em homenagem a W. R. Bion, por ocasião do décimo aniversário de sua morte.

3. Membro Efetivo com funções específicas do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ.

4. Ney Marinho, diretor do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ.

5. Walder de Souza, doutor em Estudos Teatrais pela Universidade Paris III da Sorbonne Nouvelle, professor titular e professor do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO.

extraordinária como Green penetra no universo bioniano, pessoa e obra, e transmite o clima afetivo e respeitoso que os envolve.

O encanto despertado, o entusiasmo por esta carta de Green a Bion acompanha todo o texto que se desenvolve como um diálogo lúdico, muito sério como todo brincar, que se vai desdobrando nos meandros de conceitos sofisticados, pensamentos fartamente reiterados na obra e manifestos na atitude do homem, sentimentos fortes e profundos com expressão sutil, habilmente captados por Green. Também o tom tantas vezes irônico espelha a ironia, em especial, a autoironia sempre presente nos escritos de Bion.

Embora vida e obra sejam inseparáveis, conquanto não possamos definir de modo preciso como e quanto se imbricam, em Bion, muitas vezes tive impressão de que a pessoa são suas ideias e suas ideias são a pessoa. E isto foi muito bem percebido e expresso na forma com que Green vai tecendo o texto da carta.

A primeira referência que encontramos é a citação de Maurice Blanchot: “a resposta é a infelicidade da pergunta”. Acho que Bion tanto apreciou essa frase, porque traduz em palavras, de forma certa, a atitude do pensador e do homem. Nas conferências de Rio, Brasília, São Paulo, Nova Iorque, Roma, Paris, não há momento em que Bion traia esse aforismo, seja em suas falas, seja em sua interlocução com a plateia. A ponto de, por vezes, chegar a irritar aqueles que lá foram para obter respostas e não suportam “estar em dúvidas e incertezas”⁶. Quanto à obra, encontramos série infinita de formulações que apontam para a indeterminação, a insaturação, os múltiplos vértices de aproximação de qualquer fenômeno, o conceito de transformação da experiência emocional que abre um leque de possibilidades de significação do manifesto, dando abrigo aos mais variados referenciais teóricos da psicanálise. A própria *grade* confirma o dito: instrumento conjectural de avaliação da sessão psicanalítica, em que propõe que tomemos o diálogo analítico como peças de um jogo a que podemos atribuir diferentes valores pautados pelo grau de sofisticação do pensamento e pelo uso a este atribuído. O resultado ou conclusões dependerão desses valores arbitrados, sendo as regras ditadas pelas teorias psicanalíticas utilizadas.

6. Alusão à Capacidade Negativa, descrita pelo poeta John Keats em carta a seus irmãos George e Thomas e citada por Bion, em seu livro *Atenção e Interpretação* (1970/1973, p. 138): “quando um homem é capaz de permanecer em meio a incertezas, mistérios, dúvidas, sem qualquer tentativa irritável de alcançar fato e razão”. Qualidade necessária para formar o Homem de Êxito, em literatura, diz Keats, lembrando Shakespeare; e em psicanálise, nos aponta Bion.

Logo em seguida, Green faz uma ironia e um desafio a Bion: realista ou pessimista? Um cético, diria Ney Marinho. A intimidade possível só na amizade aqui surge ao evocar Francesca Bion, mulher, “amor apaixonado” de Bion, como se se-gredassem algo a respeito daquele homem admirado e discreto em seu sofrimento.

Green, com a sua potência de ágil pensador, ao voltar-se para a fábula do reino de Ur, faz um trocadilho que condensa a contribuição de Bion à exploração ilimitada do campo da mente primitiva e uma formulação absolutamente original que nos permite libertar-nos da tirania da relação causal na apreensão da realidade psíquica, propondo o “fato selecionado” – “a experiência emocional da sensação de descoberta de coerência”; um precipitado intuído de elementos conjugados, que ganha expressão manifesta quando nomeado, permitindo a investigação de significados a partir das associações despertadas. E Green ainda encontra espaço em sua bolsa repleta das riquezas que a curiosidade o impulsiona a buscar para a alusão à relação continente/contido, uma joia do pensamento de Bion sobre a constituição do pensar, que vai tomar um vulto extraordinário em sua obra no estudo dos tipos de vínculos que regem as relações entre indivíduos ou entre o indivíduo e o grupo. Um pouco adiante, Green se refere às angústias despertadas pelo continente de ferro e aço, sem margem de escape: o tanque, instrumento de guerra, ou a vivência de um vínculo continente/contido que sufoca a criatividade, como as regras institucionalizadas, dentro ou fora do indivíduo, como uma casca que se torna cada vez mais espessa, enrijecida, impedindo o desenvolvimento do que há dentro, ameaçado de extinção.

A escolha de Green de falar sobre as relações de Bion com a França naturalmente espelha os dois espíritos, francês e britânico, em raízes mescladas – Bion, descendente de Huguenotes, os franceses protestantes; Green, um homem de fronteiras, da periferia da cultura ocidental, traço que marca a sua obra, tanto no viés teórico, com a integração de Winnicott e Bion à inserção psicanalítica francesa, como no objeto de seus estudos e desenvolvimentos, os pacientes fronteiros ou os estados-limite.

“A França entra em sua vida sob o signo do horror”. A guerra marcará para sempre a personalidade desse homem que muito jovem decidiu alistar-se no exército britânico para lutar aquela que ficou conhecida como a “Grande Guerra”, tal a violência, a mortandade, a “abominável carnificina”. Green menciona a autobiografia, que, na primeira parte publicada, *The long week-end, 1897-1919* (Bion, 1982), abrange as experiências avassaladoras desse período. Mas também em sua obra tardia temos a trilogia intitulada *Uma memória do*

futuro (Bion, 1989, 1996a, 1996b), nas palavras de Francesca Bion, uma fantasia autobiográfica psico-analiticamente orientada, que se desenrola em toda a sua extensão em um cenário de guerra.

Mas, se a guerra deixou em Bion um traço de melancolia, ou de realismo cético em relação à humanidade, também influenciou a sua abordagem da psicanálise. Neste caso, seguiu à risca o que propõe em seu rico texto “*Como tornar proveitoso um mau negócio*” (Bion, 1979/1983), ou “como transformar uma circunstância adversa em uma boa causa”. Há algo de transitivo que permeia todo o seu olhar e forma de pensar a psicanálise, cuja expressão máxima é seu conceito de caesura – um corte que, em um único ato, separa e liga, como a “impressionante caesura do nascimento”, um marco de descontinuidade, que evidencia a continuidade entre a vida pré e pós-natal –, algo transitivo que, penso, decorre das vivências de um homem reverente à verdade, capaz de compaixão, humor e amizade, amor pela família e por seu trabalho, admirador das letras e das artes, um “*jolly good fellow*”, na expressão de Green, confrontado com o grau assombroso de capacidade destrutiva do ser humano, da qual certamente não se excluía, ou seria talvez o primeiro alvo a implicar-se. Essa transitividade expande de forma extraordinária as possibilidades de conjugação de contrários e, portanto, de observação e significação dos fenômenos, especialmente os fenômenos psíquicos: estados vestigiais remanescentes em personalidades sofisticadas, o prisma que se alterna entre psicossomático ou somapsicótico, o domínio dos protossentimentos, protoideias, da culpa primordial, em contraste com a capacidade para a linguagem altamente articulada. Do mesmo modo, civilização e barbárie, tão distantes e tão próximas!

Acompanho agora Green quando convida Bion e a nós: “deixemos os horrores da guerra e voltemos às delícias da paz”. Penetra então no jardim das artes, literatura, filosofia, poesia. A dimensão estética, tão cara a Bion em sua visão da psicanálise. São deste, Bion, as palavras no artigo “*Evidência*” (1985): “Os artistas têm grande vantagem porque eles podem lançar mão da estética, como uma língua universal. Platão, há dois mil anos atrás, discerniu de modo claro os defeitos da comunicação verbal... Não vejo que tenhamos feito grandes progressos, neste aspecto, nos últimos dois mil e tantos anos”. E, em sua última conferência pública, em 1978, em Paris, a despedida do amigo:

BION: Mas eu digo que valeria a pena considerá-lo não o seu consultório; e, sim, o seu ateliê. Que espécie de artista é você? Um ceramista? Um pintor? Músico?

Escritor? Na minha experiência, um número enorme de analistas não sabe que tipo de artistas são.

P: E se eles não forem artistas?

BION: Aí estarão na profissão errada... Não sei qual a que serve pois, mesmo que não sejam psicanalistas, eles precisam ser artistas na vida.” (W. R. Bion, Seminário realizado em Paris, 10 de julho de 1978)

Referências

- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação: uma contribuição científica à compreensão interna na psicanálise e nos grupos*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1970).
- Bion, W. R. (1978). Seminário realizado em Paris, 10 de julho de 1978. Mimeo Biblioteca SBPRJ.
- Bion, W. R. (1982). *The long week-end, 1897-1919: part of a life*. Abingdon: Fleetwood Press.
- Bion, W. R. (1983). Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 13: 467-478. (Original publicado em 1979).
- Bion, W. R. (1985). Evidência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 19(1).
- Bion, W. R. (1989). *Uma memória do futuro* (v. I – O sonho). São Paulo: Martins Fontes.
- Bion, W. R. (1996a). *Uma memória do futuro* (v. II: O passado apresentado). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1996b). *Uma memória do futuro* (v. III: A aurora do esquecimento). Rio de Janeiro: Imago.

Fernanda Marinho

fernandaamarinho@lwmail.com.br